

# II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

## Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

## A IDENTIDADE CULTURAL DO JOVEM MARGINALIZADO

Júlio Ricardo da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo levantar uma questão, ou fomentar investigações acerca da identidade cultural do jovem tido como socialmente marginalizado ou oprimido. A hipótese levantada aponta para um conceito possivelmente arraigado no imaginário, ou no subconsciente desta classe de pessoas: a beleza enquanto tragédia, conceito original do pensamento aristotélico.

**Palavras chave:** Belo. Trágico. Periferia.

### A beleza da tragédia de Aristóteles como elemento de identificação cultural nas comunidades carentes

Este texto surge como uma espécie de epifania, extremamente recente, a qual está a se dar em meio a minha experiência enquanto bolsista do PIBID. O trabalho é desenvolvido no período noturno com turmas do Ensino Médio, no formato de blocos de disciplinas semestrais, o qual se tornou um convite para uma abordagem multidisciplinar. O PIBID-Música, do qual faço parte, resolveu desenvolver atividades interdisciplinares; desta forma, interessei-me em trabalhar com as disciplinas de Sociologia e Artes.

193

Em um primeiro momento, pus-me a explorar as diversas transformações das músicas enquanto representações de determinadas culturas e estilos musicais, com a intenção de abordar os temas indústria cultural e cultura de massa, através de exemplos devidamente contextualizados, para que os mesmos percebessem, ou cogitassem a possibilidade de estarem sendo manipulados pela massificação cultural; segundo Adorno, “a Indústria Cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente” (ADORNO, 1999).

As aulas seguiram com um ar de debate, sempre recorrente, o qual parecia bastante salutar, uma vez que conseguia com que os próprios alunos explorassem seus pontos de vista, seus gostos musicais, suas identidades culturais, enfim, suas influências pela música enquanto entidade capaz de desempenhar alguma função social em suas vidas. Em mais uma dessas aulas, num certo dia, um dos alunos veio me mostrar uma música. Era a música “Amor de Violeiro”, do intérprete Luan Santana; esta música foi bastante aclamada por boa parte dos alunos, mesmo aqueles que não

---

<sup>1</sup> Graduando em Música pela Universidade Estadual de Londrina e Bolsista do PIBID-Música; e-mail: junguius@hotmail.com

apreciavam as músicas do cantor citado. Achei curioso, e sinceramente, percebi que a mesma foge bastante da temática “balada-promiscuidade-carrimportado”, tão recorrente nas canções do estilo sertanejo universitário; a canção contava a estória de um violeiro, de hábitos simples, mas que possuía grande poder financeiro, porém, não se deixava influenciar por quaisquer hábitos ostensivos ou luxuosos; este violeiro era humilhado por uma moça, que o julgava por suas vestes simples, taxando-o de pobre e sem condição, até que um dia, cansado de tanto chorar, o violeiro se mostra a moça como sendo um homem de posses, e a humilha em público. Esta canção, principalmente em certos trechos de sua letra, causava um certo frenesi em boa parte dos alunos, e, para mim, era evidente que tal frenesi se dava por uma completa identificação com a situação “humilhante”, na qual o personagem, julgado como pobre e à margem da sociedade, vivia.

Em um outro momento, um outro aluno veio até mim para mostrar uma outra música, um “rap”, de um grupo pouco famoso, da própria cidade em que vivemos. Este rap era versado em primeira pessoa, e contava a estória de um homem que assistia ao seu próprio funeral, e que pensava estar vivo, e que tentava avisar aos seus entes que ali estavam, que o mesmo estava bem, e que parassem de chorar. Aos poucos ele começa a entender que perdeu sua vida, em meio à violência com a qual era obrigado a conviver, em sua condição de marginal social. Esta foi outra letra com a qual os alunos pareciam serem mais afetados, e novamente a temática “condição social” parecia dar cor especial ao quadro trágico. Percebi que estas temáticas eram extremamente honestas, pois retratavam de fato uma condição de vida, e geravam uma verdadeira identificação, portanto, a meu ver, estavam bem acima da música formulada pela indústria cultural. Há ali uma relação com a música gerada no âmbito, na pureza da identificação, que trespassa a manipulação da indústria cultural, uma vez que o jovem marginalizado não se permite idiotizar, e, oposto a isso, reconhece sua condição e fortalece seus ideais. Afetado por tal suspeita, pus-me a pensar sobre a realidade da vida destes meus alunos.

A autora Sposito (2002) faz um apontamento, através do qual, por assim dizer, posso corroborar minha postura, uma vez que:

os pesquisadores da área de educação voltaram-se, sobretudo, para a investigação de aspectos pedagógicos, revelando forte interesse no processo de aprendizagem, com pouca ênfase no conhecimento da condição complexa dos jovens como sujeitos aos quais se destina a atividade educativa na escola (SPOSITO, 2002, p.20).

Novamente, segundo a autora,

há ainda o desconhecimento sobre a condição juvenil da sociedade brasileira, marcada por recortes intensos de desigualdades sociais, culturais e étnicas, que oferecem para a pesquisa a realidade plural da juventude (SPOSITO, 2002, p.22).

Este recorte social inerente aos alunos aos quais me refiro, é compreensível, uma vez que trata-se de uma escola da periferia, situada no entorno de várias favelas, a qual, outrora, já foi (e ainda é) cruelmente estigmatizada pela população da cidade, tida como uma espécie de ambiente extremamente nocivo, perigoso, agressivo, e frequentado por pessoas de má índole. Estes preconceitos são descartáveis, mas o fato é que estes alunos se identificam com muitos dos cenários de horror, violência, pobreza ou desilusões presentes em músicas, histórias, filmes, enfim, nas expressões culturais as quais tem acesso. Neste ínterim, me surge uma possibilidade de relacionar algum tipo de beleza como elemento de atração irresistível para estes jovens, e, neste ponto, me refiro à beleza enquanto o “belo trágico”, conceito fundamentalizado por Aristóteles, cerca de 2 milênios atrás. “Na tragédia, a ação é apresentada, suscitando a compaixão e o terror; a tragédia tem por efeito obter a purgação dessas emoções”(ARISTÓTELES, 1981, cap. VI). Não é o fato de sofrer que faz o personagem trágico, mas a grandeza de seus atos em resposta aos eventos desditosos.

195

Em meio a todos os problemas típicos de uma periferia, dentre os quais se poderiam citar drogas, violência, opressão, fome, pobreza, preconceito, há algo como que um “glamour” na vida daquele que morre por um ideal. Este glamour, para mim, aproxima-se muito do que Aristóteles chamou de “a beleza enquanto tragédia”. Há filmes como “As Troianas”, no qual se pode evidenciar bem este tipo de beleza, quando as mulheres de Tróia poem-se a chorar e declamar versos, poetizando sua desgraça, uma vez que todas terão um destino cruel e triste. Não obstante, o jovem marginalizado, que vive na periferia, a meu ver reconhece, uma condição quase fatal de crueldade do destino; há uma certa aceitação natural em “vingar sua humilhação”, “morrer pelos que amam”, “lutar pela comunidade”, enfim, viver a vida como uma grande tragédia grega. Estes elementos, ditos trágicos, parecem ser o que move o coração destes jovens das comunidades carentes, o que sintoniza-os com a arte sublimada de seus pares, o que os fazem identificar-se legitimamente, de fato, com algum conteúdo musical ou cultural com o qual tenham contato.

Relembrando Adorno, este molde de identificação parece ser o que os tornam capazes de agir com independência, de perceber sua autonomia; em outras palavras, seria o que os fariam sobressaírem-se ante aos golpes das sereias da epopéia homérica, ante à manipulação das culturas de massa.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADORNO, T. W. Os Pensadores. Textos escolhidos, “Conceito de Iluminismo”. Nova Cultural, 1999.

ARISTÓTELES. Poética. São Paulo: Abril, 1981.

SPOSITO, M. P. Juventude e Escolarização (1980-1998). Brasília: Mec-Inep-Comped, 2002. (Série Estado do Conhecimento).